

INSERÇÃO DO *DESIGN* NA RENDA DE BILRO NA VILA DE PONTA NEGRA: INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL, PRESERVAÇÃO CULTURAL E TURISMO SUSTENTÁVEL

Kléber da Silva Barros¹, Rafaelli Freire Costa² & Maria Christine Werba Saldanha³

A renda de bilro surgiu no século XV, na Itália, chegando, anos depois, à França e a Portugal, de onde foi trazida para o Brasil. Atualmente, é pouco praticada, mas encontrada, em algumas cidades do litoral brasileiro. Apesar da agilidade dos movimentos das artesãs, a produção das peças é lenta e composta por movimentos repetitivos. A rendeira fixa o desenho a ser tecido na almofada, contornando-o com alfinetes que prendem as linhas que são enroladas nas pontas dos bilros – pequenas peças de madeira que facilitam o trançar. Feito isso, os bilros são entrelaçados até todo o desenho aparecer em forma de renda.

O *design* vem proporcionar nesta realidade alternativas de novos produtos a partir da renda de bilro, gerando desenvolvimento sustentável, inclusão social e preservação da cultura.

A Vila de Ponta Negra, originalmente era uma comunidade agrícola e de pescadores de uma praia distante da cidade de Natal-RN. Na década de 1970, com a construção de um conjunto habitacional, transformou-se em bairro. Com o desenvolvimento da cidade e a crescente exploração turística na área, os empreendimentos começaram a avançar até chegar à Vila, que apesar de conservar essa denominação, já não se parece uma vila de pescadores.

Está em estudo no Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente – IDEMA, um projeto para tornar o Morro do Careca em Ponta Negra uma unidade de conservação por monumento natural, e uma zona de amortecimento no seu entorno, o que delimitaria as construções verticais em uma área da Vila de Ponta Negra.

A renda de bilro sempre esteve presente na Vila, sendo que, o retorno financeiro, o tempo de produção e a desvalorização do trabalho artesanal, vem sendo apontados como as principais causas do declínio dessa atividade e do desinteresse de jovens no aprendizado. Com o objetivo de evitar a extinção desta arte, em 1998, por iniciativa de uma rendeira, foi criado o Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra, uma cooperativa informal constituída por treze rendeiras com faixa etária acima de 50 anos, sendo que apenas seis rendeiras trabalham de forma efetiva. No entanto, a comercialização é insuficiente para manutenção de um trabalho contínuo na cooperativa (SILVA, et al., 2006).

¹ Designer, mestrando em Engenharia de Produção/UFRN - klerros@gmail.com

²Engenheira de Produção, mestranda em Engenharia de Produção/UFRN – rafaelli.gc@digizap.com.br

³ Prof^a. Dr^a do Departamento de Engenharia de Produção – DEP/PEP/UFRN – cwerba@terra.com.br

A inserção do *design*, gerando novas possibilidades de produtos e de comercialização, surge como uma alternativa para evitar a extinção da renda de bilro na Vila de Ponta Negra, promovendo o desenvolvimento sustentável da cooperativa e da Vila, a preservação da cultura e da tradição da renda de bilro.

Este trabalho relata a experiência de uma oficina de *design* realizada junto a 25 rendeiras de bilro da Vila de Ponta Negra em Natal-RN, que teve como objetivo introduzir novos padrões de desenho e cores e a aplicações da renda de bilro a outros produtos, buscando evitar a extinção da arte da renda de bilros na Vila de Ponta Negra e a consequente inclusão social das rendeiras da comunidade.

Inicialmente foi apresentada a importância da renda de bilro para o desenvolvimento local, bem como esclarecido que os novos desenhos e produtos não iriam sobrepor a renda tradicional, mas gerar possibilidades de produtos, gerando alternativas de mercado.

A concepção dos novos produtos e desenhos foi realizada através de pesquisa exploratória para conhecimento das técnicas da renda de bilro, dos seus desenhos, padrões e possibilidades de inovação, através de observações da atividade e de ação conversacional junto às rendeiras e à outros profissionais da área. Foram criados novos padrões de desenhos seguindo linhas geométricas e com ícones que representassem a cidade de Natal, que foram levados às rendeiras para verificação da viabilidade de confecção.

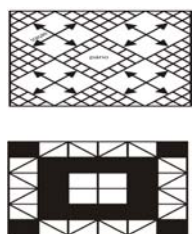


Figura 1: Desenhos geométricos

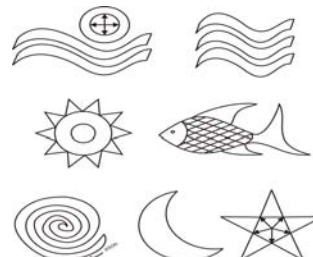
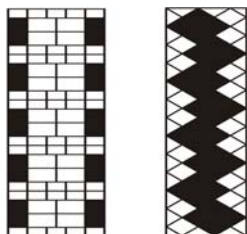


Figura 2: Desenhos diversos

Após a validação dos desenhos pelas rendeiras, os mesmo foram impressos nos tamanhos reais, colados em papelão e plastificados, conforme a técnica de produção da renda de bilro. Durante a oficina, os novos desenhos eram distribuídos entre as rendeiras que iniciavam a produção de acordo com orientação no que diz respeito à forma e às cores. Após a confecção das rendas, estas eram aplicadas a outros produtos (camisetas, bolsas, tapetes, jogos de jantar, etc.) por uma costureira da comunidade. Foram produzidas 48 peças entre toalhas, jogos americanos, bolsas, camisetas, e quadros, sendo em maior número as camisetas.





Foto 4: Bolsa com renda.



Foto 5: Camiseta com renda



Foto 6: Toalha de rosto com renda

Levar o conhecimento técnico/científico de profissionais especializados à pessoas menos favorecidas, em especial à núcleos de produção artesanal é certamente um determinante no desenvolvimento local. O artesanato se caracteriza como uma grande e importante rede de geração de emprego e renda, sendo ainda um dos principais elementos da conservação e tradição da cultura regional e do desenvolvimento turístico de uma região. Programas que incentivem o artesanato, gerando alternativas de produção para atividades propensas a desaparecer por fatores que vão desde o desinteresse dos jovens pelo aprendizado ao descuido por parte do governo para com este seguimento são fundamentais para o desenvolvimento sustentável em áreas de preservação onde o turismo não gera emprego e renda para a população local provocando exploração e exclusão social.

Segundo a OMT (2006) – Organização Mundial do Turismo – fomentar o turismo responsável e sustentável, requer uma relação aberta e equilibrada entre as regiões emissoras e receptoras da atividade turística. Porém, o que se vem observando é a falta de preocupação com a preservação dos aspectos culturais das regiões exploradas, o que, a médio ou longo prazo, enfraquece o turismo devido perda da originalidade do local.

Do ponto de vista da Ergonomia, o desenvolvimento de novos produtos e de mecanismos de melhoria da comercialização em comunidades artesanais se constituem num problema que se insere na conjunção dos campos da Macroergonomia e da Antropotecnologia. Sucintamente, a Macroergonomia (HENDRICK, 2006; BROWN Jr., 1991) nos ensina que as soluções de otimização devem ser buscadas na articulação entre os sistemas técnicos e os sistemas de gestão de pessoas, com atenção aos Fatores Humanos. A Antropotecnologia (WISNER, 1994) enuncia que a simples adoção de métodos e técnicas estrangeiras ao país, e/ou estranhas à cultura organizacional de uma empresa, tem levado ao fracasso vários processos de transferência de tecnologia e conhecimentos. Neste sentido, a transferência de conhecimentos e técnicas de engenharia de produção e do *design* para comunidades artesanais deverá atender a realidade específica de cada comunidade, com sua cultura e contextos próprios.

A realização da oficina possibilitou às rendeiras uma nova alternativa de produção de renda de bilro, mostrando que com a aplicação de técnicas simples pode-se chegar a produtos inovadores e comercializáveis. Também contribuiu diretamente para o fortalecimento da comunidade e difusão da arte, tendo em vista que durante a oficina 25 rendeiras que nunca tinham trabalhado juntas se reuniram por duas semanas e tiveram a possibilidade de conhecer e experimentar novas possibilidades de produto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN Jr. Origins and Development of the concept of Macroergonomics. In: TRIENNIAL CONGRESS OF THE INTERNATIONAL ERGONOMICS ASSOCIATION, 11, 1991, Paris. Proceedings ... Paris: IEA, 1991.

HENDRICK, H; KLEINER B. Macroergonomia: uma introdução aos projetos de sistemas de trabalho. Rio de Janeiro: Virtual Científica, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Disponível em < <http://www.world-tourism.org/espano>> acesso em: 23 de outubro de 2006.

SILVA, A., et al. Rendeiras da Vila: resgate cultural e da cidadania através do trabalho artesanal cooperativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26, 2006, Fortaleza/CE. Anais ... Fortaleza: ABEPRO, 2006. 1 CD-ROM. Produzido por Studio 55021.

WISNER, A. A inteligência do trabalho: textos selecionados de Ergonomia. São Paulo: Fundacentro; Editora Unesp, 1994.